GÊNEROS
TEXTUAIS E ORAIS

MÓDULOS CONTEMPLADOS

- ✓ GRJA – Revista e Jornal
- ✓ GLIA – Gêneros Literários
- ✓ GMDA- Mídias Digitais
- ✓ GPRA- Parede e Rua
- ✓ VTVA- Voz pra ter voz

CURSO	EXTENSIVO 2017
DISCIPLINA	REDAÇÃO
CAPÍTULO	GÊNEROS TEXTUAIS E ORAIS
PROFESSORES	VIRGÍNEA NOVACK

GÊNEROS TEXTUAIS E ORAIS

Para começar, vamos observar os textos abaixo.

TEXTO I

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

Manuel Bandeira

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

TEXTO II


MENU G1 BAURU E MARÍLIA TV TEM

27/03/2016 11h25 - Atualizado em 28/03/2016 08h39

Homem morre afogado após ingerir bebida alcoólica e entrar em rio

Incidente foi no Rio Tietê entre Barra Bonita e Igaraçu do Tietê.
Em outro caso na região, um menino de 3 anos morreu afogado.

FONTE: http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/03/homem-morre-afogado-apos-ingerir-Bebida-alcoolica-e-entrar-em-rio.html

Temos, acima, dois gêneros distintos. O primeiro texto pertence ao âmbito artístico, à literatura, especificamente, o gênero lírico - trata-se de um poema. O segundo texto pertence aos textos de circulação prosaica, ou seja, pertence ao dia a dia, à comunicação diária: trata-se de uma notícia.

Em alguma medida, ambos os textos - ainda que por meio de gêneros distintos - tematizam algo semelhante: a morte de alguém tendo em vista o uso do álcool. O poema de Manuel Bandeira, inclusive, brinca com esse aspecto, o que podemos observar no título escolhido - “Poema tirado de uma notícia de jornal”. Outra característica importante é observarmos que o poema utiliza o tipo textual narrativo - afinal, seleciona verbos para narrar o destino de João Romão. Já o segundo texto apresenta dados e informações sobre o fato em si, tendo apenas como finalidade informar ao leitor um fato ocorrido. Percebeu a diferença? Ambos têm funções e objetivos diferentes e isso implica na forma que o texto vai assumir para ser recebido pelo leitor.

Vamos olhar, primeiramente, para a diferença entre o formato dos textos, ou seja, a forma como as palavras, em cada caso, são distribuídas no papel

de modo diferente. Isso modifica-se, pois cada texto pertence a um gênero diferente! Assim, nota-se que os gêneros textuais são uma forma específica, determinada a partir dos objetivos comunicacionais implicados nela. Tranquilo, não?! Os gêneros textuais estão no dia a dia e a cada dia um novo gênero pode surgir!

Cada gênero, portanto, apresenta características específicas. Uma receita, por exemplo, prevê o ato de ensinar algo - em geral, algo a ser cozinhado; uma notícia de jornal (este, o jornal, é o veículo de comunicação) apresenta uma síntese de um fato ocorrido há pouco tempo; uma carta, por sua vez, é escrita por alguém tendo em vista um destinatário específico, íntimo ou não. Isso tudo enfatiza a questão do objetivo da escrita bem como uma possibilidade de leitura desse texto!

Gêneros textuais e interação
Os gêneros textuais possuem uma forma preestabelecida, tendo em vista, especialmente, os objetivos da comunicação ou interação proposta.

Assim, a disposição das palavras no papel também auxilia a definir o gênero (nesse caso, podemos lembrar da poesia e do romance, ou seja, do verso e da prosa, gêneros literários), bem como o perfil de linguagem selecionado - mais formal ou mais informal. Tudo depende, como dissemos, do processo de comunicação.

TIPO TEXTUAL

Diferentemente dos gêneros textuais que são incontáveis, os tipos textuais são apenas cinco: ARGUMENTATIVO, DESCRITIVO, INJUNTIVO, NARRATIVO e EXPOSITIVO, sendo que eles são separados basicamente de acordo com a suas propriedades linguísticas (vocabulário, construção frasal, tempo verbal etc). Mas, nada de desespero! É bem fácil compreender cada um deles; o mais importante é saber que os textos por vezes apresentam mais de um tipo textual, mas que um sempre se sobrepõe aos outros. Vamos às explicações...

	TIPO TEXTUAL NARRATIVO	TIPO TEXTUAL DESCRITIVO	TIPO TEXTUAL EXPOSITIVO	TIPO TEXTUAL INJUNTIVO	TIPO TEXTUAL ARGUMENTATIVO
Quem fala?	Narrador	Observador	Informador	Explicador	Argumentator
Conteúdo	Ações, acontecimentos	Seres, objetos, cenas	Informações, fatos, dados	métodos e explicações	Opiniões, argumentos, tese
Objetivo	Relatar, contar, narrar	Identificar, localizar, descrever	Apresentar informações	Apresentar métodos e explicações sobre determinado assunto	Discutir, defender, persuadir

Por que essas definições - tanto de gênero quanto de tipo textuais - são importantes? Porque todo texto possui um autor real, externo ao texto, que se transfigura em um "eu" linguístico (o eu do texto), responsável pela organização textual. Sendo assim, precisamos diferenciar, sempre, o escritor, feito de carne e osso, da construção textual, do "eu" que é um "lugar" linguístico. Essa separação é muito importante, principalmente, para os textos literários.

Neste jogo da escrita, estão envolvidos o AUTOR, o TEXTO e o LEITOR. O ato de ler é, justamente, uma interação entre essas três instâncias, como vimos. Sendo assim, o autor, ao criar sua produção textual, avalia quais são seus objetivos, escolhe um gênero textual e tece sua escrita. O escritor, portanto, possui um **OBJETIVO**, uma **INTENÇÃO**, ao criar um texto. Essa intenção é transformada em materialidade linguística, ou seja, um texto, que será recepcionado pelo leitor, cuja tarefa será dialogar com as ideias ali expressas para, em seguida, criar sentidos – os quais não necessariamente serão iguais aos sentidos projetados pelo autor.

A intenção do autor é importante para que ele organize suas ideias antes de escrevê-las. Para o leitor será importante porque, assim, ele lerá um texto coerente e organizado para, com maior facilidade, interagir e compor leituras. Conhecer as marcas estruturais dos gêneros e as definições de tipologia, portanto, apenas auxilia o processo de leitura e interpretação!

AS RELAÇÕES ENTRE TIPO TEXTUAL E GÊNERO TEXTUAL

Como já visto, os gêneros textuais em muitos sentidos se relacionam com os tipos textuais. Assim, cabe observar de forma prática tanto as marcas textuais e linguísticas (tipo textual) quanto a própria forma do texto (gênero) no processo de construção textual. Para isso, observe essa tabela:

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
NARRATIVO	tipo textual predominante em gêneros como conto, romance, crônica, fábula, piada...
ARGUMENTATIVO	tipo textual predominante em gêneros como manifesto, resenha, editorial, crítica, redação dissertativa...
DESCRITIVO	tipo textual predominante em gêneros como legenda de imagem, classificados...
INJUNTIVO	predominante em gêneros como capítulos de livros didáticos verbetes de dicionários, receitas, manuais...
INFORMATIVO	tipo textual predominante em gêneros como notícias e reportagens.

Note que cada tipo textual em geral se relaciona com um gênero textual específico, não é? Mas não se engane! Não existem correspondências exatas entre gênero e tipo textual. Muito pelo contrário, o que há é uma relação de predominância de determinados tipos textuais em determinados gêneros textuais.

GÊNEROS TEXTUAIS ARGUMENTATIVOS

Já vimos que os gêneros textuais se organizam a partir dos tipos textuais. Nos exemplos que seguem, vamos olhar para textos predominantemente argumentativos (tipo textual) de variados gêneros, como a redação escolar, o editorial e a coluna/artigo de opinião.

Redação Escolar

A violência contra a mulher no Brasil tem apresentado aumentos significativos nas últimas décadas. De acordo com o Mapa da Violência de 2012, o número de mortes por essa causa aumentou em 230% no período de 1980 a 2010. Além da física, o balanço de 2014 relatou cerca de 48% de outros tipos de violência contra a mulher, dentre esses a psicológica. Nesse âmbito, pode-se analisar que essa problemática persiste por ter raízes históricas e ideológicas.

O Brasil ainda não conseguiu se desprender das amarras da sociedade patriarcal. Isso se dá porque, ainda no século XXI, existe uma espécie de determinismo biológico em relação às mulheres. Contrariando a célebre frase de Simone de Beavouir "Não se nasce mulher, torna-se mulher", a cultura brasileira, em grande parte, prega que o sexo feminino tem a função social de se submeter ao masculino, independentemente de seu convívio social, capaz de construir um ser como mulher livre. Dessa forma, os comportamentos violentos contra as mulheres são naturalizados, pois estavam dentro da construção social advinda da ditadura do patriarcado. Consequentemente, a punição para este tipo de agressão é dificultada pelos traços culturais existentes, e, assim, a liberdade para o ato é aumentada.

Além disso, já o estigma do machismo na sociedade brasileira. Isso ocorre porque a ideologia da superioridade do gênero masculino em detrimento do feminino reflete no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, as mulheres são objetificadas e vistas apenas como fonte de prazer para o homem, e são ensinadas desde cedo a se submeterem aos mesmos e a serem recatadas. Dessa maneira, constrói-se uma cultura do medo, na qual o sexo feminino tem medo de se expressar por estar sob a constante ameaça de sofrer violência física ou psicológica de seu progenitor ou companheiro. Por conseguinte, o número de casos de violência contra a mulher reportados às autoridades é baixíssimo, inclusive os de reincidência.

Pode-se perceber, portanto, que as raízes históricas e ideológicas brasileiras dificultam a erradicação da violência contra a mulher no país. Para que essa erradicação seja possível, é necessário que as mídias deixem de utilizar sua capacidade de propagação de informação para promover a objetificação da mulher e passe a usá-la para difundir campanhas governamentais para a denúncia de agressão contra o sexo feminino. Ademais, é preciso que o Poder Legislativo crie um projeto de lei para aumentar a punição de agressores, para que seja possível diminuir a reincidência. Quem sabe, assim, o fim da violência contra a mulher deixe de ser uma utopia para o Brasil.

Redação nota 1000 do ENEM 2015 de Amanda Carvalho Maia Castro. Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-do-enem-2015-que-tiraram-nota-maxima.ghtml>

A redação escolar é o gênero que busca desenvolver uma reflexão posicionada sobre um determinado ponto de vista em relação a um tema. No exemplo que apresentamos, a redação se refere ao tema da Redação ENEM do ano de 2015: **A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira**. É possível perceber que esse texto busca defender o ponto de vista da autora por meio de argumentos, sendo, portanto, essas as principais características em relação ao gênero.

Editorial

GAZETA DO POVO | OPINIÃO   LOGIN | CADASTRO   BUSCAR

EDITORIAL

Previdência: a falência de um modelo

Um assunto de tal relevância deveria ser debatido não com slogans genéricos, mas à luz da lógica econômica, da situação demográfica e da realidade do mercado de trabalho

Gazeta do Povo [12/04/2017] [00h01]

Regime Geral da Previdência Social é o nome técnico do sistema previdenciário dos trabalhadores do setor privado administrado pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), que é um órgão estatal. O sistema é baseado em alguns princípios simples. Os trabalhadores pagam um porcentual de seu salário – que vai de 8% até 11% sobre o teto salarial de R$ 5.531,31 – e o empregador paga outros 20% sobre o total do salário do empregado. O teto do INSS – hoje, R$ 5.531,31 por mês – é o máximo que um trabalhador do setor

privado pode auferir de aposentadoria, mesmo que seu salário tenha sido sempre superior a esse valor.

Além do pagamento de aposentadoria ao trabalhador, o INSS tem outras obrigações, entre elas o auxílio-doença, o auxílio-acidente e as pensões por morte. O sistema tem como base a solidariedade entre gerações, isto é, os trabalhadores de hoje e seus empregadores recolhem suas contribuições, e estas se destinam a pagar hoje as aposentadorias dos trabalhadores do passado, além dos demais benefícios de responsabilidade da Previdência Social. Esse modelo é estruturado sob o "regime de repartição", pelo qual a arrecadação atual é destinada ao pagamento das aposentadorias e benefícios atuais.

O regime de repartição padece de um fator complexo e de difícil previsão, que é a relação entre o número de trabalhadores ativos, em fase de contribuição, e o número de aposentados, em fase de benefício. Há seis décadas, a relação chegou a ser de oito trabalhadores na ativa para cada aposentado, mas, em face da redução do número de filhos por mulher e do aumento da expectativa média de vida da população, o Brasil caminha para a faixa de um aposentado para cada trabalhador ativo que contribui com a Previdência (excluídos, assim, os trabalhadores informais que não contribuem com o sistema). A queda da taxa de natalidade e o envelhecimento da população, ao ocorrerem ao mesmo tempo, caminham para inviabilizar completamente o sistema, que já apresenta déficits elevados como proporção do Produto Interno Bruto (PIB).

A reforma proposta pelo governo Michel Temer, em tramitação no Congresso Nacional, sofre de um mal crônico: tudo o que um governo propõe é atacado por seus adversários e por membros de partidos adversários sem considerações técnicas reais. Um assunto de tal relevância deveria ser debatido não com slogans genéricos, mas à luz da lógica econômica, da situação demográfica, da realidade do mercado de trabalho e das experiências do resto do mundo sobre o tema. No momento em que vários países estão debatendo e reformando seus sistemas previdenciários em razão das mudanças aceleradas por que passam a demografia e o mercado de trabalho, o Brasil teria muito a aprender na tentativa de encontrar solução eficiente para a previdência social pública e privada.

Infelizmente, apesar de falido e insustentável, o sistema previdenciário brasileiro pode perder mais uma oportunidade de mudar e consertar seus defeitos e os déficits gigantescos. Porém, esperar que os políticos tratem a falência da Previdência Social e a reforma necessária para sua viabilidade futura acima de seus interesses políticos individuais parece ser em vão. O Brasil vem há muito tempo adiando o enfrentamento da crise dos sistemas previdenciários dos trabalhadores privados e dos servidores públicos. Se as reformas não forem

feitas, até para adequação às novas realidades econômicas e demográficas, o país pagará um alto preço: se não consertar os defeitos, a solução virá sob a forma de aumento de impostos, redução de programas sociais e menos investimentos em infraestrutura física e social. O resultado final será menor crescimento econômico e menos desenvolvimento social.

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/previdencia-a-falencia-de-um-modelo-e9lioumhovs00yozchtuld4qb>

O editorial é um gênero textual que, em geral, é divulgado e circula em jornais ou revistas visando a divulgação da opinião do autor. Esses textos, portanto, não têm obrigação com a imparcialidade, nem buscam uma neutralidade na escrita. No caso desse texto, perceba que fica evidente a opinião do autor: a necessário discussão séria em relação a reforma da previdência.

Coluna de Opinião


ÉPOCA

Eliane Brum

Índios, os estrangeiros nativos

A dificuldade de uma parcela das elites, da população e do governo de reconhecer os indígenas como parte do Brasil criou uma espécie de xenofobia invertida, invocada nos momentos de acirramento dos conflitos

ELIANE BRUM

02/07/2013 10h00 - Atualizado em 15/08/2013 13h07

Tweetar | Curtir 151 | Compartilhar | Kindle | Share 1 | G+1 1

A volta dos indígenas à pauta do país tem gerado discursos bastante reveladores sobre a impossibilidade de escutá-los como parte do Brasil que têm algo a dizer não só sobre o seu lugar, mas também sobre si. Os indígenas parecem ser, para uma parcela das elites, da população e do governo, algo que poderíamos chamar de “estrangeiros nativos”. É um curioso caso de xenofobia, no qual aqueles que aqui estavam são vistos como os de fora. Como “os outros”, a quem se dedica enorme desconfiança. No processo histórico de

estrangeirização da população originária, os indígenas foram escravizados, catequizados, expulsos, em alguns casos dizimados. Por ainda assim permanecerem, são considerados entraves a um suposto desenvolvimento. A muito custo foram reconhecidos como detentores de direitos, e nisso a Constituição de 1988 foi um marco, mas ainda hoje parecem ser aqueles com quem a sociedade não índia tem uma dívida que lhe custa reconhecer e que, para alguns setores – e não apenas os ruralistas –, seria melhor dar calote. Para que os de dentro continuem fora é preciso mantê-los fora no discurso. É isso que também temos testemunhado nas últimas semanas.

Entre os exemplos mais explícitos está a tese de que não falam por si. Aos estrangeiros é negada a posse de uma voz, já que não podem ser reconhecidos como parte. Sempre que os indígenas saem das fronteiras, tanto as físicas quanto as simbólicas, impostas para que continuem fora, ainda que dentro, é reeditada a versão de que são "massas de manobra" das ONGs. Vale a pena olhar com mais atenção para essa versão narrativa, que está sempre presente, mas que em momentos de acirramento dos conflitos ganha força.

Desta vez, a entrada dos indígenas no noticiário se deu por dois episódios: a morte do terena Oziel Gabriel, durante uma operação da Polícia Federal em Mato Grosso do Sul, e a paralisação das obras de Belo Monte, no Pará, pela ocupação do canteiro pelos mundurucus. O terena Oziel Gabriel, 35 anos, morreu com um tiro na barriga durante o cumprimento de uma ordem de reintegração de posse em favor do fazendeiro e ex-deputado pelo PSDB Ricardo Bacha, sobre uma terra reconhecida como sendo território indígena desde 1993. Pela lógica do discurso de que seriam manipulados pelas ONGs, Oziel e seu grupo, se pensassem e agissem segundo suas próprias convicções, não estariam reivindicando o direito assegurado constitucionalmente de viver na sua área original. Tampouco estariam ali porque a alternativa à luta pela terra seria virar mão de obra barata ou semiescrava nas fazendas da região, ou virar favelados nas periferias das cidades. Não. Os indígenas só seriam genuinamente indígenas se aceitassem pacífica e silenciosamente o gradual desaparecimento de seu povo, sem perturbar o país com seus insistentes pedidos para que a Constituição seja cumprida. Aí já há uma pista para o que alguns setores da sociedade brasileira entendem como identidade "verdadeira": ser índio seria, quando não desaparecer, ao menos silenciar.

No caso dos mundurucus, questionou-se exaustivamente a legitimidade de sua presença no canteiro de obras da hidrelétrica de Belo Monte, por estarem "a 800 quilômetros de sua terra". De novo, os indígenas estariam extrapolando fronteiras não escritas. Os mundurucus estavam ali porque suas terras poderão ser afetadas por outras 14 hidrelétricas, desta vez na Bacia do Tapajós, e pelo menos uma delas, São Luiz do Tapajós, deverá estar no leilão de energia previsto

para o início de 2014. Se não conseguirem se fazer ouvir agora, eles sabem que acontecerá com eles o mesmo que acabou de acontecer com os povos do Xingu. Serão vítimas de um outro discurso muito em voga, o da obra consumada. A trajetória de Belo Monte mostrou que a estratégia é tocar a obra, mesmo sem o cumprimento das condicionantes socioambientais, mesmo sem a devida escuta dos indígenas, mesmo com os conhecidos atropelamentos do processo dentro e fora do governo, até que a usina esteja tão adiantada, já tenha consumido tanto dinheiro, que parar seja quase impossível.

Adiantaria os mundurucus gritarem sozinhos lá no Tapajós, para serem contemplados no seu direito constitucional, respaldado também por convenção da Organização Internacional do Trabalho, de serem ouvidos sobre uma obra que vai afetá-los? Não. Portanto, eles foram até Belo Monte se fazer ouvir. Mas, como são indígenas, alguns acreditam que não seriam capazes de tal estratégia política. É preciso resgatar, mais uma vez, o discurso da manipulação – ou da infiltração. Já que, para serem indígenas legítimos, os mundurucus teriam de apenas aceitar toda e qualquer obra – e, se fossem bons selvagens, talvez até agradecer aos chefes brancos por isso.

Quando os indígenas levantam a voz, a voz não seria sua. Seria de um outro, a quem emprestam o corpo. Ninguém é ingênuo a ponto de acreditar que o discurso dos indígenas como massa de manobra seja inocente. Ele serve a muitos interesses, inclusive o de tirar do foco os reais interesses sobre as terras indígenas de quem o difunde. Mas esse discurso não teria ressonância se não tivesse a adesão de uma parte significativa da população brasileira. E esta adesão se dá, me parece, por essa espécie de xenofobia invertida. Estes "estrangeiros nativos" ameaçariam um suposto progresso, já que seu conhecimento não é decodificado como um valor, mas como um "atraso", sua enorme diversidade cultural e de visões de mundo não são interpretadas como riqueza e possibilidades, mas como inutilidades. Neste sentido, há uma frase bastante reveladora de como esse olhar – ou não olhar – contamina amplas parcelas da sociedade, inclusive no governo. Ao falar em uma audiência pública na Câmara dos Deputados, em dezembro passado, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, disse que sua pasta atendia "da toga à tanga". Entre os dois extremos, podemos ver em qual deles o ministro situa o ápice da civilização e também o seu oposto.

Há ainda uma dupla invocação do estrangeiro nesse discurso, já que a única coisa pior do que ser "massa de manobra" de ONGs nacionais seria ser das estrangeiras. Evocar a ameaça externa parece sempre funcionar, como naqueles SPAMs, que volta e meia reaparecem, de que "os gringos estão invadindo a Amazônia" – esta também, tão nossa que podemos destruí-la, tarefa a que temos nos dedicado com afinco. Ao denunciar uma suposta apropriação do corpo

simbólico dos indígenas por outros, o que se revela, de fato, é a frustração porque esse corpo não se deixa expropriar e manipular pelas elites como antes. Porque apesar de todas as violências, há uma voz que ainda escapa – e que demanda o reconhecimento de seu corpo-terra, de seu pertencimento. Aquele que é visto como o de fora se torna um incômodo quando diz que é parte.

Vale a pena prestar atenção em quem amplifica o discurso dos indígenas como "massa de manobra", para verificar que fazem exatamente o que acusam outros de fazer: afirmam o que os indígenas, todos eles, precisam e querem. Parece haver um consenso, inclusive, de que o verdadeiro desejo dos indígenas seria se tornar um trabalhador assalariado e urbano ou, pelo menos, o beneficiário de algum programa de transferência de renda do governo.

Nesta posição, eles não atrapalhariam ninguém – e menos ainda os produtores rurais. Este é o momento chave para a entrada de outro discurso recorrente: o de que os indígenas querem terra "demais". Basta fazer as contas, como fez o jornalista Fabiano Maisonnave, na Folha de S. Paulo: com uma população de 28 mil indígenas em Mato Grosso do Sul, os terenas têm sete reservas, somando cerca de 20 mil hectares; já o produtor rural Ricardo Bacha, em cuja fazenda foi morto o terena Oziel Gabriel, tem cerca de 6.300 hectares, dos quais 800 em litígio. Se é de concentração de terra na mão de poucos que se pretende falar, há muitos números ilustrativos que podem ser citados. Outro dado interessante vem de uma pesquisa da Embrapa, citada em artigo do engenheiro florestal Paulo Barreto, no site O Eco: há 58,6 milhões de hectares de pastos degradados pela pecuária, o equivalente a 53% da área total de terras indígenas. "A Embrapa tem demonstrado que já existem as tecnologias para aumentar a produtividade dos pastos degradados. Assim, ocupar terra indígena é, além de inconstitucional, prova de incompetência", afirma Barreto. A Embrapa é um dos novos atores que deverão ser chamados para opinar sobre as demarcações, numa manobra para esvaziar a Funai e agradar a bancada ruralista.

O lugar de estranho indesejado,supostamente sem espaço no Brasil que busca o desenvolvimento, tem permitido todo o tipo de atrocidades contra indivíduos e também contra etnias inteiras ao longo da história. Seria muito importante que cada brasileiro reservasse meia hora ou menos do seu dia para ler pelo menos as primeiras 16 páginas do resumo do Relatório Figueiredo, um documento histórico que se acreditava perdido e que foi descoberto no final de 2012 por Marcelo Zelic, vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais, de São Paulo. No total, o procurador Jáder Figueiredo Correia dedicou 7 mil páginas para contar o que sua equipe viu e ouviu. A íntegra também está disponível na internet.

O relatório, datado de 1968, documentou o tratamento dado aos povos indígenas pelo extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Entre os crimes, cujos

responsáveis foram nominados, mas jamais punidos, estão os "castigos" infligidos pelos funcionários aos indígenas, como crucificações e uma tortura conhecida como "tronco", na qual a vítima tinha o tornozelo triturado. Crianças eram vendidas para abusadores, mulheres, estupradas e prostituídas. Duas aldeias de pataxós, na Bahia, foram dizimadas para atender aos interesses de políticos de expressão nacional da época.Uma nação indígena inteira foi extinta por fazendeiros, no Maranhão, sem que os funcionários sequer tentassem protegê-la. O procurador cita a possível inoculação do vírus da varíola em uma etnia de Itabuna, na Bahia, para que as terras fossem liberadas para "figurões do governo", assim como o extermínio de um grupo de cintas-largas, em Mato Grosso, de várias formas: atirando dinamite de um avião e adicionando estricnina ao açúcar, além de caçá-los e matá-los com metralhadoras. O massacre ocorreu em 1963, ainda no período democrático, portanto, e os que ainda assim sobreviveram foram rasgados com o facão, "do púbis a cabeça".

A lista é longa. É importante ressaltar que tudo isso não se passou na época de Pedro Álvares Cabral, nem mesmo no tempo dos bandeirantes, mas na década de 60 do século XX. Praticamente ontem, do ponto de vista histórico. Cabe enfatizar ainda que os crimes foram infligidos aos indígenas, num comportamento disseminado por todo o país, por representantes do Estado brasileiro. Menciono o relatório não só porque acredito que precisamos conhecê-lo, mas porque ele demonstra que tipo de olhar permite que atrocidades dessa ordem tenham se tornado uma política não oficial, mas exercida como se fosse – e não por um único psicopata, mas por dezenas de funcionários e suas esposas, com o apoio e às vezes a ordem da direção do órgão criado para proteger os povos tradicionais. Para estas pessoas, o corpo dos indígenas era território a ser violado, como violada foi a sua terra. Como aqueles sem lugar, os indígenas não eram reconhecidos como iguais, nem mesmo como humanos. Eram o que, então? O procurador responde: "Tudo como se o índio fosse um irracional, classificado muito abaixo dos animais de trabalho, aos quais se presta, no interesse da produção, certa assistência e farta alimentação".

Para quem imagina que este capítulo é parte do passado, vale a pena lembrar que apenas nos últimos dez anos, nos governos Lula-Dilma, foram assassinados 560 indígenas. A Constituição precisa ser cumprida, as demarcações devem ser feitas, os fazendeiros que possuem títulos legais, distribuídos pelo governo no passado, têm direito a ser indenizados pelo Estado. Mas há um movimento maior, mais profundo, que é preciso empreender. Como "estrangeiro nativo", uma impossibilidade, só é possível perpetuar a violência.É necessário fazer o gesto, também em nível individual, de reconhecer o indígena como parte, não como fora. Para isso é preciso primeiro desejar conhecer, o gesto que precede o reconhecimento. Só então o Brasil encontrará o Brasil.

Fonte: <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/noticia/2013/07/indios-os-estrangeiros-nativos.html>

Esse gênero (coluna de opinião/artigo de opinião) é, em geral, um texto escrito e assinado e circula em jornais e revistas. Como o próprio nome sugere, ele tem o objetivo de expressar a opinião do autor. Assim, pode ocorrer o uso da primeira pessoa do singular ou mesmo o pronome “eu” em alguns casos. No entanto, é necessário atentar, sobretudo nesse texto da Eliane Brum, que a autora não apenas “diz como as coisas devem ser”, mas apresenta argumentos (dados) evidenciando o seu ponto de vista. No caso desse texto, é possível perceber a opinião da autora sobre a necessidade não apenas de redistribuição de terras, mas também de um novo olhar sobre a figura do índio por toda a sociedade brasileira.

GÊNEROS TEXTUAIS INFORMATIVOS

Já vimos alguns gêneros predominantemente argumentativos, agora veremos alguns predominantemente informativos. Dentre todos, falaremos da notícia e da reportagem.

Notícia


globo.com | g1 | globoesporte | gshow | famosos & etc | videos — ASSINE JÁ | CENTRAL | E-MAIL | ENTRAR

MENU G1 BEM ESTAR BUSCAR

Campanha de vacinação contra gripe começa nesta segunda

Campanha vai até 26 de maio. Professores da rede pública e privada entraram para o público alvo.

Por G1

17/04/2017 06h00 · Atualizado há 2 horas

Começa nesta segunda-feira (17) a Campanha Nacional de Vacinação Contra a Influenza. A campanha vai até 26 de maio, e o dia de mobilização nacional está marcado para o dia 13.

A meta é vacinar 54,2 milhões de pessoas em todo o país. Este ano, a novidade da campanha é a inclusão dos professores da rede pública e privada no público alvo, com direito a receber a imunização gratuitamente no SUS.

A contraindicação é para quem tem alergia severa a ovo.

Veja quem recebe a vacina pelo SUS

Crianças de 6 meses a menores que 5 anos (quatro anos, 11 meses e 29 dias)

Gestantes

Puérperas (mulheres que estão no período de até 45 dias após o parto)

Idosos (a partir de 60 anos)

Profissionais da saúde

Povos indígenas

Pessoas privadas de liberdade e funcionários do sistema prisional

Portadores de doenças crônicas e outras doenças que comprometam a imunidade

Professores de escolas públicas ou privadas

Três subtipos

A vacina disponível no SUS protege contra os três subtipos do vírus da gripe que mais circularam no país: A/H1N1; A/H3N2 e influenza B.

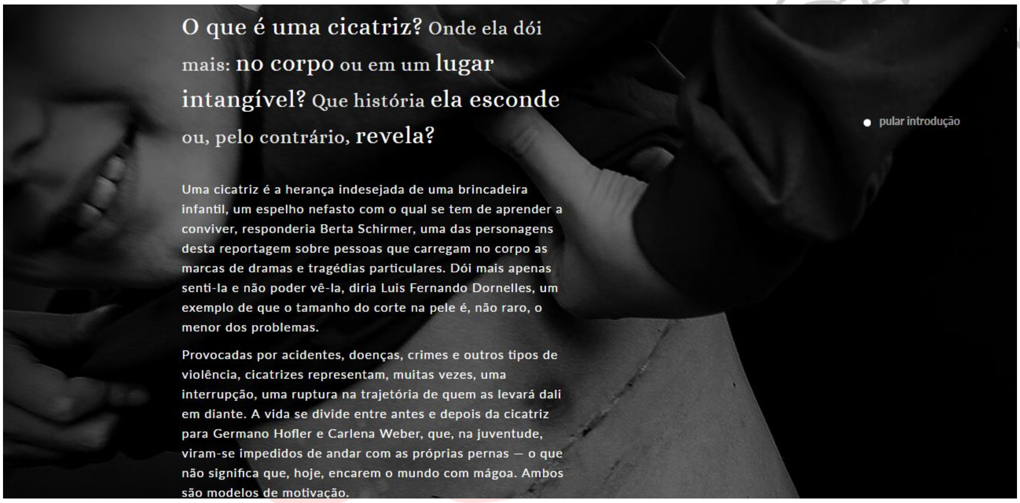
Segundo o ministério da Saúde, 60 milhões de doses de vacinas foram adquiridas, das quais 21,1 milhões de doses já foram distribuídas aos estados.

Os grupos prioritários devem se vacinar todos os anos, já que a imunidade contra os vírus cai progressivamente. Além disso, o vírus da gripe passa por mutações frequentes

Fonte: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/campanha-de-vacinacao-contra-gripe-comeca-nesta-segunda.ghtml>

A notícia é um gênero textual tipicamente jornalístico, que tem como objetivo apresentar de forma mais direta e objetiva informações sobre um determinado fato ou acontecimento. No exemplo, obtemos informações em relação ao início da campanha de vacinação, os tipos de doenças que serão evitadas pelos vacinados e os grupos que receberão a vacina pelo SUS. Assim, a linguagem apresentada nesses textos é clara, formal e objetiva.

Reportagem


O que é uma cicatriz? Onde ela dói mais: no corpo ou em um lugar intangível? Que história ela esconde ou, pelo contrário, revela?

Uma cicatriz é a herança indesejada de uma brincadeira infantil, um espelho nefasto com o qual se tem de aprender a conviver, responderia Berta Schirmer, uma das personagens desta reportagem sobre pessoas que carregam no corpo as marcas de dramas e tragédias particulares. Dói mais apenas senti-la e não poder vê-la, diria Luis Fernando Dornelles, um exemplo de que o tamanho do corte na pele é, não raro, o menor dos problemas.

Provocadas por acidentes, doenças, crimes e outros tipos de violência, cicatrizes representam, muitas vezes, uma interrupção, uma ruptura na trajetória de quem as levará dali em diante. A vida se divide entre antes e depois da cicatriz para Germano Hofler e Carlena Weber, que, na juventude, viram-se impedidos de andar com as próprias pernas — o que não significa que, hoje, encarem o mundo com mágoa. Ambos são modelos de motivação.

pular introdução

(Reprodução parcial). Para ler o texto integral acesse: <http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/zh-cicatrizes/>

Um pouco diferente da notícia, a reportagem ao mesmo tempo que tem a função de informar, tem também a função de apresentar novas perspectivas ao leitor para formar sua opinião sobre variados assuntos. Em reportagens a linguagem não é tão formal e o texto não tem uma função tão objetiva quanto a notícia. No caso dessa reportagem, a proposta é a de refletir-se sobre o quanto as cicatrizes físicas refletem na vida das pessoas.

GÊNEROS LITERÁRIOS: GÊNEROS TEXTUAIS NARRATIVOS

De acordo com uma definição clássica, os gêneros literários seriam o épico, o lírico e o dramático. O gênero épico daria conta de narrar os feitos dos heróis,

isto é, é narrada uma história com personagens dentro de um espaço-tempo específico. São exemplos de epopéias a Ilíada e a Odisséia. O gênero lírico é aquele as emoções são especialmente expressadas e para o qual a sonoridade é parte crucial do texto. Geralmente esses textos eram declamados juntamente com algum instrumento (a Lira, por exemplo). Já o gênero dramático era construído visando a representação. Assim, a narração ficaria a critério das próprias personagens, por meio de diálogos, principalmente.

No entanto, atualmente, esses gêneros já se misturaram, e, portanto, se modificaram muito, gerando novos gêneros híbridos. Por exemplo, do gênero épico, hoje temos o romance, o conto, a novela, a fábula, entre outros. Do gênero lírico, o poema em suas variadas formas: Ode, soneto, elegia etc. Por fim, do gênero dramático: auto, tragédia, comédia, tragicomédia. Vamos a alguns exemplos:

Romance
"Aquela mata cerrada que barrava até a luz do sol. Uma vez Chico sonhou que entrava na mata e era um breu, não se enxergava nada. Em pleno dia. Mas a mata é a nossa segunda mãe! E no meio da mata podemos abraçar e beijar alguém de quem gostamos, alguém de quem achamos que gostamos muito, mesmo, e cantar canções mentalmente para não correr o risco de desafinar. E depois até cantar vocalmente, com a garganta e os desafinos, um trechinho dessa música. Só um trechinho. Tirar a roupa e revelar um corpo fraco e forte ao mesmo tempo. Feio e bonito. Muito magro. Vezes dois. Um monte de picadas de insetos. Calos. Cicatrizes. Aconchego. Desejo. Tudo isso. Depois colocar as roupas de novo, pegar a lenha nas costas e levar para onde ela devia ser levada. Como se fossem armas. Como se fosse um companheiro ferido." (Trecho de Azul Corvo, de Adriana Lisboa, 2014)
O gênero romance é uma narrativa ficcional longa e em prosa. Diz-se desse gênero ser mais longo tendo em vista a constituição narrativa que, diferentemente do conto, por exemplo, apresenta diversos núcleos narrativos e, em geral, um enredo mais complexo (pelo maior número de personagens e ações). No entanto, o romance é um dos gêneros mais flexíveis e pressupõe diversas possibilidades narrativas (podendo até mesmo ter apenas uma personagem em fluxo de consciência, por exemplo. Esse é o caso de "A paixão segundo G.H, de Clarice Lispector). Já em Azul Corvo (2014), a narrativa se dá por meio de flashbacks, sendo que Vanja, a personagem principal e narradora, busca compreender sua história e seu passado juntamente a história e ao passado do

Brasil, retomando sobretudo, o período da ditadura civil-militar brasileira. No trecho, ele narra os sentimentos e sensações de Chico, codinome de Fernando, seu padrasto, militante político contra o regime, enquanto fazia treinamento na floresta. Nesse exemplo, percebemos justamente que, embora a narrativa seja sobre Vanja, diversos outros fios narrativos perpassam a sua história.

Conto

"(...) A verdade é que eu tinha casado sim, por oito anos, com a tereza, agora estava há dois anos sozinha.. Meu pai achava que não era casamento de verdade, que era uma fase – dos 18 aos 40, baita fase. Minha mãe fingia que não sabia, que não ouvia, que não enxergava nada e sempre, sempre me perguntava quando eu ia casar (...)" Trecho do conto "Tia Marga", Amora, Natalia Borges Polesso, 2015.

O gênero conto, por se tratar também de um texto literário, é ficcional e, como já dito, mais curto do que um romance, pois apresenta, geralmente, o desenvolvimento de poucas cenas e o foco, também em geral, recai sobre uma personagem (ou poucas personagens). No entanto, sua forma pode variar muito, assim como no romance. Um exemplo de conto é o citado anteriormente "Tia Marga" do livro Amora em que a narrativa recai sobre a experiência familiar da narradora enquanto mulher lésbica, sendo o evento principal do conto é o velório da purgante tia Marga. Assim, é possível perceber que além de um texto mais curto, com poucas personagens, há também um espaço e um tempo limitado em que essas ações ocorrem.

Crônica

"Chacrinha"

De tanto falarem em Chacrinha, liguei a televisão para seu programa que me pareceu durar mais que uma hora.

E fiquei pasma. Dizem-me que esse programa é atualmente o mais popular. Mas como? O homem tem qualquer coisa de doido, e estou usando a palavra doido no seu verdadeiro sentido. O auditório também cheio. É um programa de calouros, pelo menos o que eu vi. Ocupa a chamada hora nobre da televisão. O homem se veste com roupas loucas, o calouro apresenta o seu

número e, se não agrada, a buzina do Chacrinha funciona, despedindo-o. Além do mais, Chacrinha tem algo de sádico: sente-se o prazer que tem em usar a buzina. E suas gracinhas se repetem a todo o instante — falta-lhe imaginação ou ele é obcecado.

E os calouros? Como é deprimente. São de todas as idades. E em todas as idades vê-se a ânsia de aparecer, de se mostrar, de se tornar famoso, mesmo à custa do ridículo ou da humilhação. Vêm velhos até de setenta anos. Com exceções, os calouros são de origem humilde, têm ar de subnutridos. E o auditório aplaude. Há prêmios em dinheiro para os que acertarem através de cartas o número de buzinadas que Chacrinha dará; pelo menos foi assim no programa que vi. Será pela possibilidade da sorte de ganhar dinheiro, como em loteria, que o programa tem tal popularidade? Ou será por pobreza de espírito de nosso povo? Ou será que os telespectadores têm em si um pouco de sadismo que se compraz no sadismo de Chacrinha?

Não entendo. Nossa televisão, com exceções, é pobre, além de superlotada de anúncios. Mas Chacrinha foi demais. Simplesmente não entendi o fenômeno. E fiquei triste, decepcionada: eu quereria um povo mais exigente."

Clarice Lispector

[Crônica publicada em 1967 pelo Jornal do Brasil.]

O gênero crônica é provavelmente o mais híbrido dentre os gêneros, visto que nasce no jornalismo, mas em geral apresenta um linguagem literária. Assim, tem como uma das suas principais características a fixação temporal, isto é, um crônica remete certamente a um tempo específico. Nesso caso da crônica de Clarice Lispector, o tempo apresentado é a época da estréia do Programa do Chacrinha (por volta de 1967), assim, fica marcada a necessidade de o leitor conhecer o contexto da época para, minimamente, identificar o assunto ao qual a autora se refere. É interessante notar, sobre a crônica ainda, que as produzidas hoje são, certamente, uma tentativa de compreensão/reflexão sobre o momento presente a partir de uma linguagem que mistura simplicidade, cotidiano e literariedade.

Poesia

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo

que amava Maria que amava

Joaquim que amava Lili

que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos,

Teresa para o convento,

Raimundo morreu de desastre,

Maria ficou pra tia,

Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes

que não tinha entrado na história

Carlos Drummond de Andrade

A poesia é um gênero literário que muito se alterou ao longo do tempo, visto que em seu princípio era marcado pela fixação métrica e hoje apresenta o verso livre também como uma possibilidade formal. No caso do poema de Drummond, nos é apresentada uma estrutura narrativa: É a história de diversas pessoas que não conseguem se encontrar amorosamente. No entanto, o potencial significativo desse poema deve extrapolar o "enredo" para ser lido no âmbito mais abstrato, isto é, como uma impossibilidade de estar satisfeito com as relações que estabelecemos na vida, esse eterno desencontro. Assim, ao conhecermos o gênero poesia, somos levado a não interpretar o poema literalmente (visto que se trata do uso simbólico da linguagem) mas ampliarmos os nossos horizontes interpretativos.

GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS

Muito comumente esquecidas, a língua em sua manifestação oral é tão importante quanto em sua manifestação escrita, mesmo que cada uma possua as suas próprias peculiaridades. Assim, como existem textos escritos e textos orais, também existem gêneros especificamente escritos e gêneros especificamente orais bem como gêneros que misturam um pouco de cada!

Podemos pensar, por exemplo, em um telejonal em que os apresentadores estão falando, mas que falam a partir de um roteiro. Isso assegura

certa rigidez e formalidade a fala, mas ao mesmo tempo permite intervenções tipicamente orais, como pequenos comentários em relação as notícias.



Um bom exemplo da alteração em um telejornal entre a oralidade e a escrita, foi em 2011 quando os apresentadores e a repórter são interrompidos por manifestantes, ao vivo, e a jornalista Sandra Annenberg comenta o caso como “deselegante”. Algo que acabou virando um “meme” na internet.

Além desse exemplo, podemos também olhar para a literatura ou a música, pois ambas as artes, muitas vezes, apropriam-se da oralidade para gerar certos efeitos, como uma aproximação entre narrador e leitor ou mesmo a identificação do narrador/eu-lírico de acordo com determinado contexto social e/ou regional. Um bom exemplo do uso da oralidade é a canção “Tiro ao álvaro”, do compositor Adoniram Barbosa. Perceba:

De tanto levar
"Frechada" do teu olhar
Meu peito até, parece sabe o quê?
"Táubua" de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar (não tem mais)

De tanto levar
"Frechada" do teu olhar
Meu peito até
Parece sabe o quê ?
"Táubua" de tiro ao Álvaro

> Não tem mais onde furar (não tem mais)
>
> Teu olhar mata mais do que bala de carabina
> Que veneno estriquinina
> Que peixeira de baiano
> Teu olhar, mata mais que atropelamento de "automóver"
> Mata mais que bala de "revórver"

Portanto, não podemos nos enganar! Não se trata de pouco conhecimento do autor ou de um texto de menor qualidade. O uso da oralidade na escrita deve ser visto como um elemento estilístico sobretudo em manifestações artísticas, mas cuidado para não sair misturando as duas modalidades de uso da língua quando o que é solicitado de você é o uso de apenas uma (como na escrita de uma redação de vestibular!).

Além disso, é importante que você não confunda oralidade com informalidade, isto é, não é porque um texto é oral que ele será informal. Nesse sentido, podemos pensar, por exemplo, no gênero apresentação, que é o gênero utilizado na apresentação de seus trabalhos na escola, por exemplo. Esse gênero, embora oral, solicita certa formalidade na fala do enunciador diferentemente de uma conversa telefônica. Portanto, o que podemos concluir é que, assim como na escrita, a oralidade pode se manifestar por meio de diversos gêneros, no entanto, devemos, mais uma vez, assim como na escrita, atentar para utilizá-los de forma adequada ao contexto em que eles são produzidos e circulam!

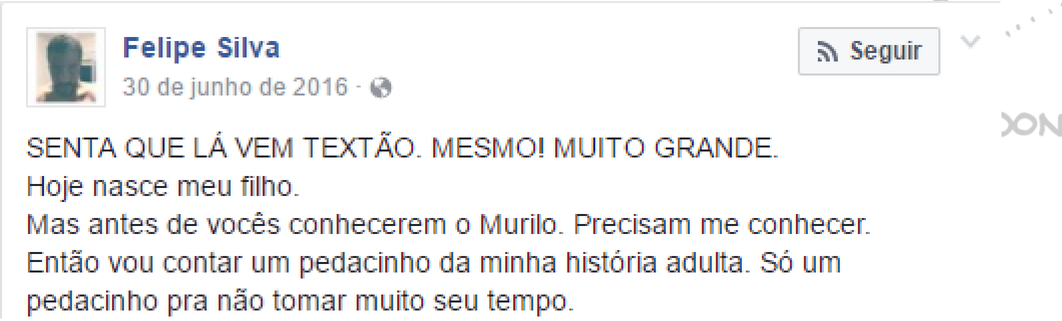
GÊNEROS TEXTUAIS NA INTERNET

Como já comentamos, os gêneros textuais estão presentes no nosso dia a dia. Não apenas em ambientes de ensino, mas em qualquer situação que envolva a leitura de um texto! Então, ao pegar o ônibus precisamos ler um texto que nos informa a direção que o ônibus está indo, ao assistir televisão e acompanhar a programação, estamos lidando com mais uma gama de diversidade de gêneros textuais! No entanto, o que muitas vezes não notamos é que no lugar que passamos, talvez, a maior parte do nosso dia, a internet, é um lugar cheio de variados gêneros textuais!

Assim, podemos dizer que são alguns gêneros utilizados nas mídias digitais: postagem de Facebook, postagem de Twitter, "memes", currículos online (Linkedin/Lattes) e outros.

Postagem de facebook

Trecho de postagem:


Felipe Silva
30 de junho de 2016 ·
Seguir

SENTA QUE LÁ VEM TEXTÃO. MESMO! MUITO GRANDE.
Hoje nasce meu filho.
Mas antes de vocês conhecerem o Murilo. Precisam me conhecer.
Então vou contar um pedacinho da minha história adulta. Só um pedacinho pra não tomar muito seu tempo.

Texto integral:

SENTA QUE LÁ VEM TEXTÃO. MESMO! MUITO GRANDE.

Hoje nasce meu filho.

Mas antes de vocês conhecerem o Murilo. Precisam me conhecer.

Então vou contar um pedacinho da minha história adulta. Só um pedacinho pra não tomar muito seu tempo.

Ano: 2001.

Chuva de balas do auge da guerra CV x ADA.

Eu, 17 para 18 anos. Preto, favelado, pobre. Raivoso feito um cão magro de rua. Teimoso, teimoso e teimoso.

Segundo grau completo em escola pública com um ano de antecedência, mas claro, nunca passaria num vestibular pra faculdade pública.

Sem dinheiro, sem emprego.

Duas saídas: escolha fácil, o tráfico de drogas! Direto, rápido, poder batendo na porta. Dinheiro sobrando pra esbanjar. Tava ali, era só querer.

Ou escolha difícil: projeto social do Governo do Estado para jovens de comunidades carentes. Ser Aux. de Serviços Gerais. Literalmente: faxineiro de órgão público.

Escolha difícil: virei faxineiro do hospital da Polícia Militar.

Enfermaria A. Varria, limpava e lavava todo o corredor, banheiros e todos os apts. No refeitório, só era permitido almoçar por último. Não iam misturar os faxineiros com os enfermeiros, médicos e policiais, né? Sabe o que acontecia? Nunca sobrava carnes. A gente tinha que comer ovo, todos os dias. Ovo frito.

Quer ouvir uma coisa triste? Eu achava que estava bom. Que era suficiente. Era o que eu merecia. Tinha um salário. Consegui comprar um tênis legal. Ajudava minha mãe nas contas de casa. Estava ótimo.

Aí... a polícia invadiu minha casa.

Seja inocente, trabalhador, honesto. Foda-se.

A regra quem faz não é você. Sua mãe no chão, seu sobrinho no chão, tiro de fuzil na sua porta.

De novo, escolha fácil: tráfico, vingança, chapa quente, guerra contras aqueles filhos da puta.

Escolha difícil: consguir um trabalho, ganhar mais e sair do morro.

Claro, escolha difícil: fui juntar dinheiro pra entrar na faculdade. Mãe foi fazer mais e mais plantões pra ajudar a pagar.

Comprei um guia do estudante, li tudo. Teimoso, quis fazer Publicidade.

Me disseram: pobre publicitário? Hahahaha...

Quis ser redator. Me dei conta: aos 22, só tinha lido 3 livros em toda a vida. Hahahahah.

6 meses de faculdade. Não consigo mais pagar.

Escolha fácil: desiste moleque.

Escolhe difícil: desiste moleque.

Ok, sem escolhas.

Mas não dizem que sempre tem escolha?

Dizem... hahahahahahah...

Sou teimoso, se é o que eles querem eu não faço.

Bora ser preto, suspeito na rua, dura da polícia toda semana, segurança de loja mandando abrir a mochila, porta de banco travando.

Mas vão se fuder que vou vencer honesto.

Meritocracia é a puta que pariu.

Oportunidade pra todos é a puta que pariu.

Não existe, chapa, tudo utopia.

Mas pobre não tem nada a perder. “Se você não tem saída, vença!” Foi o que eu fiz.

Fim do primeiro ato.

2016.

Eu, 33 anos. Preto, casa de dois andares, carro. Viagem pra NY. Redator de uma das maiores agências de publicidade do mundo. Leão em Cannes. Em print. Categoria foda. Mais de 200 livros lidos. Tatuaram uma frase minha na pele. Projeto humano com mais de 1500 kits mensais para moradores de rua. Construí uma casa pra minha mãe.

E hoje, vejo nas timelines que só se entra no crime porque quer.

Que a oportunidade está aí. Que é só querer.

Que é só se esforçar. Que meritocracia funciona.

Que bolsa família faz o pobre não trabalhar.

Que ajuda do governo deixa pobre mal acostumado.

Que a polícia tem que invadir a favela e dar tiro.

Com toda serenidade e conhecimento que aprendi ao longo desse tempo, lhes digo: vão tomar no meio dos seus cu!

EU SOU O CARA DA FAXINA, rapaz.

Esse aí que tirou seu lixo hoje.

E esse país só vai melhorar quando você achar certo que que eu divida a mesa do trabalho com você. Que eu frequente o mesmo shopping, faça a mesma viagem, tenha o mesmo carro que você, vá a mesma faculdade que seu filho.

Quando você me der bom dia de verdade e não automático. E agradecer que eu limpei seu café derramado no chão. E ver que eu tenho nome.

Que eu sou gente.

Que eu tenho sonhos.

Que eu fiz escolhas difíceis pra caralho pra ser um faxineiro.

Que eu não quero comer ovo, porra.

Que eu não quero ser parado na rua porque sou preto.

Ser olhado feio porque sou pobre.

Antes de falar de preto, de pobre de favelado. Saibam: todos esses sou eu.

E te digo: viver no morro é uma merda. Ser pobre é uma bosta.

Porque escrevi tudo isso?

Porque hoje nasce o meu filho.

E, afinal, não era justo vocês conhecerem meu filho, se a maioria nem conhece direito o Felipe.

Mas hoje vocês vão poder saber porque eu vou olhar nos olhos dele com a certeza de que não arredei o pé da honestidade.

Não fiz concessões. Não dei um passo atrás. Não falsifiquei 1 porra de carteirinha de estudante sequer.

E fiz tudo isso só pra ele saber que é possível.

Só pra poder contar pra ele que é foda pra caralho, mas é possível.

E tudo isso feito só com motivos.

E que hoje, ele vai me dar uma razão.

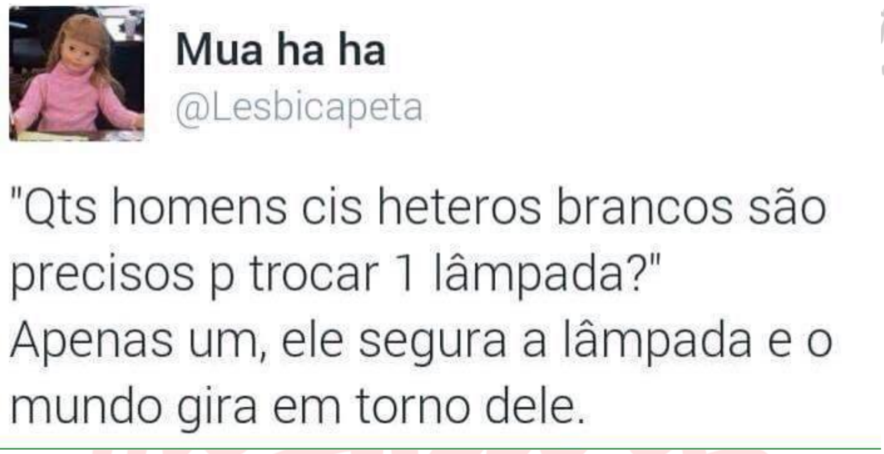
Imagina o que a gente não vai fazer.

Um beijo.

Esse gênero é reconhecido pelo nome de textão, pois, em geral, é um texto mais longo. Esse gênero tem como objetivo a apresentação de uma questão, em geral polêmica, e o posicionamento frente essa questão do autor. Esse gênero pode apresentar elementos narrativos, informativos e mesmo argumentativos. É importante também notar em relação a esse tipo de texto uma certa informalidade no uso da linguagem, isto é, um texto que se aproxima da fala cotidiana.

Postagem de twitter

Os textos que circulam no twitter têm também algumas características bastante específicas, como, por exemplo, o tamanho, pois cada postagem não pode exceder 140 caracteres. Além disso, essa rede social também é abertamente marcada pelo humor, geralmente associada a fatos cotidianos, mas também comentários relacionados com os desafios da vida do jovem moderno.



Nesse caso, perceba que o humor relaciona-se com uma conhecida piada sobre quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada. O humor aqui é gerado pelo fato de o homem cisgênero, heterossexual e branco ser aquele que, em nossa sociedade, subjuga diversos grupos minoritários. Por isso se diz que “o mundo gira em torno dele”.

Memes

Memes, muito próximo das postagens do twitter, tem também o objetivo de gerar humor. No entanto, parte-se de uma imagem ou fato extremamente atual reproduzindo o que foi dito em outros contextos. Muitas vezes memes integram postagens do twitter. Nesse exemplo, o caso que teve grande repercussão nas redes sociais: a atriz Glória Pires incapaz de comentar o Oscar. Esse meme é utilizado para qualquer situação em que, embora se devesse estar preparado para opinar/argumentar, não estamos.



Currículo virtual (Linkedin/ Lattes)

A partir do avanço das tecnologias e sua democratização, é cada vez mais comum perfis profissionais como o Linkedin, no qual o usuário se cadastra no site e cria um perfil informando suas qualificações profissionais (formação, cursos, áreas de interesse etc) como um currículo. Além dele, também perfis acadêmicos, como o disponibilizado pela plataforma Lattes, para que o pesquisador apresente seu perfil e seus interesses acadêmicos. Esse gênero (currículo virtual) tem a clara função de apresentar informações sobre o contratado ou o pesquisador em questão, portanto, pode-se dizer que o tipo textual em predominância nesse gênero é o informativo. É importante perceber sobre esses gêneros que o nível de formalidade é maior do que os comentados anteriormente, pois tratam-se de perfis profissionais. Portanto, o que é importante ressaltar é que os gêneros textuais disponíveis na rede também demandam certa atenção em relação a sua adequação formal.



Vimos até agora apenas alguns gêneros textuais que circulam na internet para que você perceba que os gêneros textuais estão em toda a parte e muito nos ajudam na interpretação dos textos, isto é, você não vai buscar em um "meme" informações sobre os interesses de pesquisa de alguém ou ainda buscar humor em um currículo, não é mesmo?

No entanto, cabe lembrar que alguns gêneros que nascem na rede, muitas vezes, acabam indo para a mídia impressa, que, em geral, tem um nível de formalidade mais severo. Dessa forma, a adequação do texto ao seu contexto e a mídia que é veiculado é imprescindível!

OS GÊNEROS TEXTUAIS E A CIDADE

Além desses gêneros literários que dão conta do uso da palavra, isto é, são a arte da palavra, devemos também observar os gêneros, cada vez mais presentes em nosso cotidiano, que misturam linguagem verbal e linguagem não verbal, nesse caso visual, ou seja, a imagem. Podemos dizer que esse é o caso das propagandas publicitárias, os lambes, os grafitis, os pixos etc.

Para a leitura desses textos, é fundamental atenção ao contexto em que eles estão inseridos: geralmente a rua. Portanto, observe a circulação desses textos (artísticos ou não) pela cidade, pelas paredes e pelo chão. Perceba a diferença de objetivos de cada um desses gêneros. Por exemplo, o objetivo da publicidade é o de vender um produto, fixar uma marca, já a produções cujo tom é artísticos (como

intervenções urbanas) têm um potencial mais questionador, problematizador e até mesmo subversivo!

Grafiti/ Stencil

Na imagem, uma intervenção de Banksy, já conhecido e consagrado artista de rua britânico. O artista utiliza-se das paredes da cidade para propor reflexões acerca dos mais variados assuntos desde a condição humana até o cenário político. Nessa arte, em específico, vemos a inscrição “Follow your dreams” [Siga seus sonhos] por baixo de uma cartaz de “Cancelled” [cancelado] o que faz referência aos filmes e musicais que não fazem sucesso e logo são cancelados. Assim, fica implícito pela imagem e o texto que “seguir os seus sonhos” não teve sucesso e, por isso, teve de ser cancelado. Essa ideia é reforçada pela imagem do homem com outros cartazes e um balde de cola na mão.

Pixo



Mais um gênero textual de manifestação urbana é o pixo. Esse sempre carregado de forte valor político, apresenta um grande potencial questionador, o que é facilmente percebido nessa imagem. Em uma parede, o pixador evidencia a necessidade do pixo como forma de expressão de um povo, pois, segundo ele, quando as paredes estão em branco, o povo não está dizendo nada. Além disso, esse pixo representa também uma importante característica do gênero: a embate entre a indivíduo e o Estado, ou seja, a tentativa de desinstitucionalizar os espaços da cidade.

Lambe-Lambe



"Lambe" do Coletivo Transverso, um coletivo de poesia e arte urbana.

O lambe-lambe é uma técnica ligada ao grafite. No entanto, utiliza cartazes como forma de intervenção urbana. Esse gênero pode ser utilizado com diferentes propósitos desde transmissão de ideias e pensamentos a divulgação de protestos. Assim, o tema apresentado nesse gênero pode variar mais do que os dos gêneros anteriores.

PARA CONCLUIR...

Vimos ao longo desse material diversos gêneros textuais. Alguns deles com características de tipologias mais argumentativas, outros mais informativos ou até narrativos. Vimos também que os gêneros textuais estão no nosso cotidiano, manifestados tanto de forma escrita quanto de forma oral nos mais variados meios (na escola, em casa, na internet e, até, nos muros da cidade!).

Percebemos também que ao ler o texto de determinado gênero devemos levar em consideração todos os elementos desse texto, sejam eles verbais, não verbais (imagens, por exemplo) ou verbais e não verbais juntos. Além disso, evidenciou-se a necessidade de percebermos a situação de enunciação em que ele circula! Isso é, devemos observar as intenções autorais, funções textuais e

características de cada gênero para que, assim, sejamos capazes de realizar uma interpretação competente do texto!

EXERCÍCIOS

Depois de revisar o tópico GÊNEROS TEXTUAIS, vamos fazer alguns exercícios. Preparados?

QUESTÃO 1

Leia a letra da canção da banda Ira!

Receita para se fazer um herói

(Edgard Scandurra)

Toma-se um homem
Feito de nada como nós
Em tamanho natural
Embebe-se-lhe a carne
De um jeito irracional
Como a fome, como o ódio
Depois, perto do fim
Levanta-se o pendão
E toca-se o clarim
Serve-se morto

Observe as afirmações que seguem sobre a letra.

I. Os versos de Edgard Scandurra se apropriam do gênero receita, tomando como referência as flexões verbais características desse tipo de texto e a estrutura recorrente que o divide em “Ingredientes” e “Modo de preparo”.
II. O texto lida tão somente com uma perspectiva romântica de heroísmo, baseada na valorização extrema da ética, da justiça, da pureza e da perfeição física, logo, uma idealização, algo impossível.
III. O sacrifício heroico que aparece na letra é tomado como referência da jornada tradicional do herói; neste caso, temos uma característica que transcende épocas – desde os gregos até os contemporâneos.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas I e III.

c) Apenas II.

d) Apenas I e II.

e) I, II e III.

Resposta correta: B

Comentário: A afirmativa II está equivocada porque o herói pode vir a ser uma pessoa comum, como o texto indica (*“...um homem / feito de nada como nós”*), assim como o heroísmo pode brotar de sentimentos contraditórios, como o *“ódio”*, trazido no texto, e o último verso comprova o que se diz na afirmação III.

QUESTÃO 2

Observe com atenção a letra da canção “A Carta”, famosa na interpretação de Erasmo Carlos e Renato Russo no disco *Homem de Rua*, de Erasmo, de 1992.

A Carta

(Benil Santos e Raul Sampaio)

Escrevo-te estas mal traçadas linhas, meu amor!

Porque veio a saudade visitar meu coração

Espero que desculpes os meus erros por favor

Nas frases desta carta que é uma prova de afeição...

Talvez tu não a leias, mas quem sabe até darás

Resposta imediata me chamando de "Meu bem",

Porém o que me importa é confessar-te uma vez mais:

Não sei amar na vida mais ninguém...

Tanto tempo faz que li no teu olhar

A vida cor-de-rosa que eu sonhava

E guardo a impressão de que já vi passar

Um ano sem te ver

Um ano sem te amar...

Ao me apaixonar por ti não reparei

Que tu tivestes só entusiasmo

E para terminar

Amor assinarei

Do sempre, sempre teu...

Assinale a alternativa correta respeito do texto.

a) A letra da canção usa, tal como na estrutura comum do gênero carta, a 3ª pessoa.

b) O texto enfatiza o caráter genérico do discurso amoroso e a subjetividade é logo abandonada ao longo da letra; o que importa, portanto, é a mensagem em si, objetiva e direta, caracterizando o uso da função referencial.

c) A letra da canção é um longo pedido de desculpas pelas possíveis falhas no relacionamento do eu-lírico com seu(sua) interlocutor(a).

d) Por abordar um gênero textual da prosa, a carta, a letra da canção acaba por abandonar a estrutura do gênero lírico.

e) No texto, o protagonismo da mensagem é dado ao emissor, que expõe seus sentimentos e seu subjetivismo, como uma carta costuma ser apresentada; sendo assim, pode-se dizer que a função da linguagem que melhor cabe ao texto é a função emotiva.

Resposta Correta: E

Comentário: A questão explora, explora, basicamente, a relação entre gêneros textuais e funções da linguagem. A afirmação "A" está incorreta, pois o texto utiliza a 1ª pessoa; a afirmação "B" está incorreta, pois não há o abandono da subjetividade: o texto inteiro está centrado no "eu", logo, no subjetivismo, descaracterizando o uso da função referencial; a afirmação "C" é incorreta por apropriar-se de uma interpretação falsa: não há menção à culpa por parte do eu-lírico/emissor; a afirmação "D" está incorreta, por se tratar de um texto em versos – que, portanto, mantém o uso da forma lírica típico das letras de música; há uma imbricação, no texto, portanto, de poesia com carta, bem como uma apropriação da carta como gênero textual por parte do gênero literário conhecido como lírico; a afirmação "E" é correta, pois faz uma leitura correta do texto e afirma acertadamente o que se conhece acerca da função emotiva da linguagem (onde se exploram os sentimentos e as emoções em textos em 1ª pessoa).

QUESTÃO 3

Leia o excerto abaixo.

O exercício da crônica

Vinicius de Moraes

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente

despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado (...).

Qual das afirmativas abaixo avalia de modo mais adequado o texto acima?

a) Apesar de o título usar a palavra "crônica", esse texto pertence ao gênero conto e utiliza o tipo textual narrativo, pois apresenta um narrador.

b) O título - bem como o nome do autor - indicam que o texto trata-se de uma crônica, gênero relacionado ao cotidiano e à figura do cronista.

c) O texto acima utiliza o recurso da metalinguagem para apresentar uma narrativa breve, ou seja, um conto.

d) Vinicius de Moraes, poeta brasileiro, elaborou, no texto acima, uma poesia narrativa que versa sobre a crônica.

e) O excerto acima utiliza, preponderantemente, o tipo textual argumentativo, pois defende a importância da crônica.

Resposta correta: B

Comentário: As afirmativas trazem informações equivocadas ou parcialmente corretas; por exemplo, de fato, o texto utiliza a metalinguagem porém, trata-se de uma crônica, e não de um conto.

QUESTÃO 4

Leia o excerto abaixo e observe a imagem.

Por que o contato com a ficção é tão importante?

Os livros acumulam a sabedoria que os povos de toda a Terra adquiriram ao longo dos séculos. É improvável que a minha vida individual, em tão poucos anos, possa ter tanta riqueza quanto a soma de vidas representada pelos livros. Não se trata de substituir a experiência pela literatura, mas multiplicar uma pela

outra. Não lemos para nos tornar especialistas em teoria literária, mas para aprender mais sobre a existência humana. Quando lemos, nos tornamos antes de qualquer coisa especialistas em vida. Adquirimos uma riqueza que não está apenas no acesso às idéias, mas também no conhecimento do ser humano em toda a sua diversidade.

FONTE: Revista *BRAVO!* entrevista o crítico literário Tzvetan Todorov



Laerte

Após a leitura, podemos afirmar que

a) Os textos pertencem ao mesmo gênero textual, uma vez que abordam o mesmo tema: a importância da leitura na contemporaneidade, mesmo em contextos que não permitem tal prática.

b) O primeiro texto, escrito em prosa, pertence ao gênero crônica, uma vez que lemos, de modo informal, a opinião de alguém; o segundo texto, por sua vez, devido aos desenhos, é uma charge.

c) O texto I é representativo do gênero entrevista e, na resposta do entrevistado, é preponderante o tipo textual argumentativo; o texto II pode ser classificado como tirinha ou charge, uma vez que tece críticas.

d) O texto I, por meio da argumentação, explica por que as pessoas costumam ler literatura; o texto, em oposição, evidencia, por meio da ironia, as relações existentes entre inteligência e leitura.

e) O texto I explicita a opinião do entrevistado - o qual considera o contato com a ficção essencial; o texto II, por

sua vez, sugere, por meio das imagens, o quanto ler é algo dispensável.

Resposta correta: C

Comentário: Nessa questão, devemos confrontar dois textos distintos, uma entrevista e uma charge ou tirinha; ambos abordam a importância da leitura, assumindo-a como um hábito positivo. As alternativas A e B trazem informações equivocadas sobre os textos e sobre os gêneros textuais; já as alternativas D e E estão parcialmente corretas, ou seja, interpretam e avaliam adequadamente apenas um dos textos.

QUESTÃO 5

Leia o excerto abaixo.

As Olimpíadas causaram uma comoção nacional enorme, isso não tem como negar, mesmo que você não gostasse, uma hora ou outra estava comentando, é aquele ditado, falem bem ou falem mal, falem de mim.

Porém, o mesmo não aconteceu com as Paraolimpíadas, tanto que muitos ingressos estão encalhados e várias campanhas surgiram para motivar o povo a prestigiar nossos atletas!

Pois bem, uma dessas grandes empresas que se solidarizou com as paraolimpíadas foi a revista Vogue, o problema foi a forma que a revista encontrou para divulgar o evento. O povo chamou Cléo Pires e Paulhinho Vilhena, que são embaixadores da competição, tirou umas fotos e PÁ.

Gente, não era melhor ter chamado atletas paraolímpicos? Sim, claro, com certeza. Segundo a empresa a intenção é de "atrair visibilidade aos Jogos Paralímpicos", o que de certo modo chamou, afinal, quem tava falando dos atletas antes disso? Vocês que não eram!

PORÉM, a representatividade e a visibilidade dos próprios atletas fica como? De que adianta falar sobre, mas não botar o povo lá na capa, escancarando, mostrando "olha, a gente tá aqui lutando por medalha"?

FONTE: http://www.divadepressao.com.br/revista-vogue-causa-polemica-ao-fazer-ensaio-com-atores-amputados-digitalmente-oi/

Sobre o texto são feitas estas afirmativas:

I. O texto utiliza uma linguagem formal e segue os preceitos da norma culta padrão da língua portuguesa.
II. O texto apresenta um fato recente (uma campanha publicitária) e, em seguida, enuncia uma opinião sobre o assunto.
III. O texto utiliza o tipo textual argumentativo e apropria-se do questionamento como recurso de persuasão.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas II e III.
e) I, II e III.

Resposta correta: D

Comentário: As afirmativas corretas são a II e a III, pois, de fato, o texto apresenta uma opinião e o faz por meio de uma linguagem informal (o texto é de um blog), coloquial - o que indica o equívoco da afirmativa I.